



Imagem meramente ilustrativa, Cristiano Mascaro, estrada da periferia



Introdução

O *DESIGNER*, TRABALHANDO
COMO INTERMEDIADOR ENTRE
O MERCADO CONSUMIDOR E A
COMUNIDADE PRODUTORA, (...)

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Desde o término de minha graduação na Faculdade de Comunicação e Artes, quando utilizei como um dos argumentos para desenvolver o meu

trabalho de conclusão de curso de Desenho Industrial dessa mesma Faculdade, os conceitos de *ecodesign* e responsabilidade ambiental, o tema nunca mais esteve fora de meu cotidiano, quer na atuação profissional no mercado, quer na atuação acadêmica.

Nesse aspecto, dois fatores foram suficientes para motivar mais ainda a busca pelo equilíbrio ecológico e social do desenvolvimento de produtos: o reconhecimento pelo trabalho com a Mensão Honrosa no Prêmio de *Ecodesign* da Fiesp e do Centro São Paulo *Design* (CSPD)- com o convites para participar da Bienal Internacional de *Design* da França em *Saint'Etienne* - 2002 e 2004- quanto as mostras *Design&Natureza* 2003 e 2004.

Nessa trajetória, em 2003, fui convidado pela Senhora Nadia Rubio Bacchi, presidente da Associação Nadia Bacchi – ONG Florescer, para juntar-me aos colaboradores dessa entidade, dentro do projeto *Recicla Jeans*. Esse projeto nascia naquele instante como uma tentativa dessa ONG de gerar renda para a comunidade de Paraisópolis, situada na zona sul da cidade de São Paulo, utilizando-se, para tanto, de resíduos têxteis da indústria de jeans, da moda e do design.

Avivência adquirida no dia-a-dia dentro

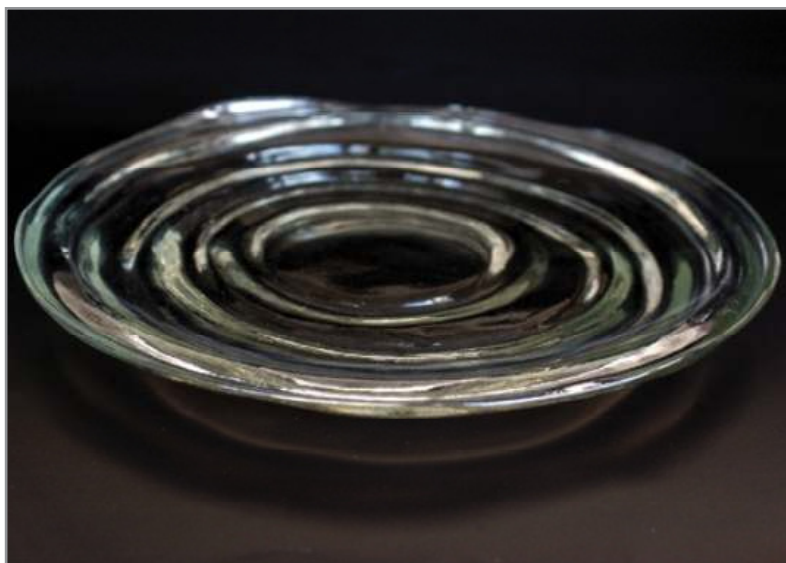


Figura 1: Prato Acqua designer Ivo Pons



Figura 2: Certificado - Mensão Honrosa Ecodesign

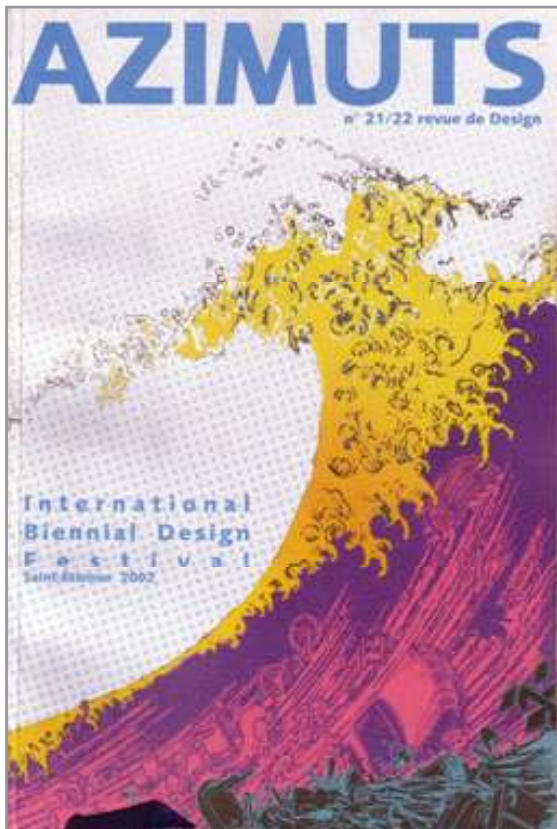


Figura 3: Capa do Catálogo Bienal França



Figura 3a: Página interna do Catálogo Bienal França apresentando os produtos do designer Ivo Pons

da ONG, o contato com os resíduos daquele tecido, a relação com as costureiras e com o mercado, fizeram com que eu percebesse a importância do designer e do design no desenvolvimento de produtos nas comunidades e, ao mesmo tempo, a diferença desse processo artesanal se comparado com o industrial.

O *designer*, trabalhando como intermediador entre o mercado consumidor e a comunidade produtora, pode mais facilmente satisfazer a ambas. Então percebi que minha formação acadêmica obtida na graduação do curso de Desenho Industrial, bem como a experiência de mercado não foram suficientes para mostrar o quan-



Figura 4: Puff Ouriço, Ivo Pons



Figura 5: Brasil faz Design; Milão, 2004.



to os produtos deveriam esteticamente destacar-se, evidenciando a inovação da origem recuperada e socialmente correta que o mercado pedia.

O aprendizado adquirido pela vivência em uma outra realidade me fez questionar a formação estritamente acadêmica. Como efeito,

a nova sensibilidade adquirida não estava presente nem na formação universitária nem na experiência de mercado normal e, no entanto, acrescentava algo e transformava a ambas, enriquecendo meu fazer cotidiano, como professor e como *designer*.

Em 2004, o trabalho realizado na Organização Não-Governamental (ONG) Florescer foi indicado para participar da Mostra Brasil Faz *Design* em Milão. Nessa cidade, fui também convidado pelo professor Dr. Giuseppe Lotti, docente do curso de *Disegno Industriale*, da *Università degli Studi di Firenze*, para ministrar uma palestra nessa mesma Universidade, no curso de Graduação em Desenho Industrial. Após a palestra e em reuniões seguintes, ficou nítida a afinidade de pensamento e pesquisa entre o professor Lotti e o trabalho que apresentei.

Partiu dele a proposta (APÊNDICE 1) para desenvolvermos um projeto em conjunto e em curto prazo, e que envolvesse as duas Universidades que representávamos, ou seja a Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo e a *Università degli Studi di Firenze*. Um novo encontro em novembro desse mesmo ano alteraria a proposta inicial, e acertaria os detalhes finais para o início da pesquisa.

Nascia então o projeto de cooperação entre ambas as Universidades e que passou a denominar-se *Design Possível* no Brasil e *Design Possibile* na Itália. E é apoiado nessa experiência prática e na pesquisa teórica realizada que desenvolvo esta pesquisa.



Figura 6: Identidade visual Design Possível (Lucas del Corso e Antonio Roberto)

1.2 IMPORTÂNCIA ECOLÓGICA E SOCIAL

O presente trabalho se apresenta como relevante importância ecológica e social, uma vez que mostra o vínculo de uma relação de cooperação que hoje existe entre esses campos, e mostra também como o designer pode interferir nessa relação.

Assim é que do ponto de vista ecológico, é importante ressaltar que as ONGs envolvidas - Associação Monte Azul, Aldeia do Futuro e Projeto Florescer - ao realizarem um trabalho de reaproveitamento de resíduos industriais e domiciliares, estão reduzindo sensivelmente o seu impacto no meio ambiente. Dessa forma, é fundamental que a ação dessas três entidades não só ocorra, como ainda, seja estimulada e seja sustentável.

Na verdade, essas mesmas instituições, analisadas do ponto de vista social, têm papel fundamental na geração de renda nas comunidades excluídas onde atuam. Isso porque moradores que ali se encontram, estão em grande parte, fora do mercado de trabalho, e com uma renda familiar mensal abaixo do salário mínimo, determinado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Assim sendo, o reaproveitamento e a reutilização de resíduos proporcionam uma imediata redução no consumo de matéria-prima, na energia empregada em sua primeira transformação e, de um modo mais abrangente favorece, a preservação dos recursos naturais de forma geral. Por outro lado, mediante o emprego de mão-de-obra local, é possível estimular a inclusão social, que não só resulta na redução da violência urbana, como também promove o desenvolvimento coletivo através do emprego de projetos sustentáveis e não assistencialistas.



Figura 7: Reaproveitamento - Cadeira de Gerhard Bär e Hartmut Knell



Figura 8: Rio Paraná em Presidente Epitácio SP

1.3 *ECODESIGN*

É indiscutível que o mundo está passando por um intenso período de mudanças. Durante as três últimas décadas, a humanidade suscitou uma série de rearranjos políticos, sociais e econômicos. Unificação interna de países, como é o caso da Alemanha, desmembramento político-administrativo de grandes potências, como a antiga União Soviética, e novos pólos de pressão social, como as intensas imigrações clandestinas para a Europa e para os EUA, são apenas algumas das mudanças que podemos, a título de exemplo brevemente citar.

As transformações continuam acontecendo. Um dos campos onde elas têm sido significativas é o ecológico. De algumas décadas para cá, a sociedade começou a perceber que o modelo de desenvolvimento econômico, social e político aplicado até os dias de hoje conduz a todos para a sua própria extinção, uma vez que não levam em conta as limitações ecológicas e ambientais do planeta Terra, representados também pelos riscos de esgotamentos dos recursos naturais.

À medida que as reservas não-renováveis vão se esgotando, e as renováveis vão sendo degradadas, em nome de um suposto desenvolvimento econômico de acordo com os modelos vigentes, diversas atividades e segmentos sociais estão sendo chamados à responsabilidade pelo que produzem ou desenvolvem. Isso significa que uma nova consciência social foi despertada, como resultado de uma maior consciência ecológica.

É evidente que tais mudanças afetarão de maneira ímpar o desenhista industrial, em especial na área de projeto de produto. Na verdade, esse profissional responsável pelo projeto e resolução produtiva tem papel fundamental no impacto dos produtos da indústria e do consumo sobre o meio ambiente.

Citemos como exemplo o Desenho Industrial segundo Barroso Neto (1981):

**É PRECISO
PROJETAR
PENSANDO EM
MATERIAIS DE
MENOR IMPACTO
AMBIENTAL
POSSÍVEL**

...uma atividade contemporânea que nasceu da necessidade de estabelecer uma relação entre diferentes saberes e diferentes especializações. *Design* é o equacionamento simultâneo de fatores sociais, antropológicos, ecológicos, ergonômicos, tecnológicos e econômicos, na concepção de elementos e sistemas materiais necessários à vida, ao bem estar e à cultura do homem.

O Desenho Industrial, ou *Design*¹ nasceu de uma necessidade social impulsionando-a por uma força mercadológica e industrial. Com o passar do tempo, o desenhista industrial vem se concentrando em questões indus-

triais, muitas vezes esquecendo-se de seu importante papel na ação ecológica e social.

Desenhistas industriais, que hoje visualizam em sua profissão apenas a atividade vinculada ao projeto junto à indústria e ao

consumo, estão cada vez mais fadados ao insucesso. Isso porque uma nova dimensão profissional exige que o desenhista industrial pense em todo o ciclo de vida do produto, para obter dele uma eficiência máxima com o mínimo de impacto ao meio ambiente.

É preciso então, projetar pensando em materiais de menor impacto ambiental possível, tanto no que diz respeito à exploração das matérias-primas, quanto à destinação final dos resíduos ou do produto. Isso significa dar prioridade aos materiais orgânicos renováveis que assegurem a sustentabilidade produtiva - como é o caso das madeiras certificadas - aos biodegradáveis que possibilitam a incorporação do material no ecossistema. No caso das matérias-primas recicláveis, o baixo impacto significa que podem ser totalmente reincorporadas ao sistema produtivo e retornam ao ciclo de vida do mesmo produto, sendo totalmente utilizadas e praticamente sem entropia durante o processo. Existem ainda os subciclos, como o reaproveitamento ou a reutilização, onde as matérias-primas, ao serem utilizadas, perdem características e são incorporadas em outros ciclos produtivos, de menor exigência material e/ ou de baixo valor estético.



Figura 9: Logo FSC, instituição que tem como objetivo principal promover o manejo e a certificação florestal no Brasil.

¹ Existem diversas interpretações com relação à atuação do designer e do desenhista industrial. Para efeito deste estudo, ambas terão o mesmo significado, uma vez que o foco do trabalho é a ação junto ao projeto, e não a sua definição.

E não apenas a matéria-prima é importante. O próprio processo de transformação em termos ecológicos, precisa funcionar da seguinte maneira: deve ser de pouco consumo energético - preferencialmente de fonte renovável – que aproveita ao máximo as características do material que está sendo transformado, deixando o mínimo de resíduo, e que reduza etapas de transporte, embalagem e armazenamento, de modo a diminuir o impacto da produção no meio ambiente.

Em seguida, é importante que haja uma preocupação com as possibilidades de o produto ser usado, para que seja adequado à necessidade, tenha fácil utilização com baixo consumo dos recursos ambientais. Nesse ponto, superdimensionar ou subdimensionar um produto, é prejudicar a utilização do material ou o consumo energético. Então, o desenhista industrial deve saber equilibrar o desenho do produto com a sua função e seu uso.

Não esquecer, pois, que preparar o produto para o fim de seu ciclo de vida útil é também atividade de projeto. Tal preparo envolve identificar como será feita a separação dos materiais e como deve ser o descarte;

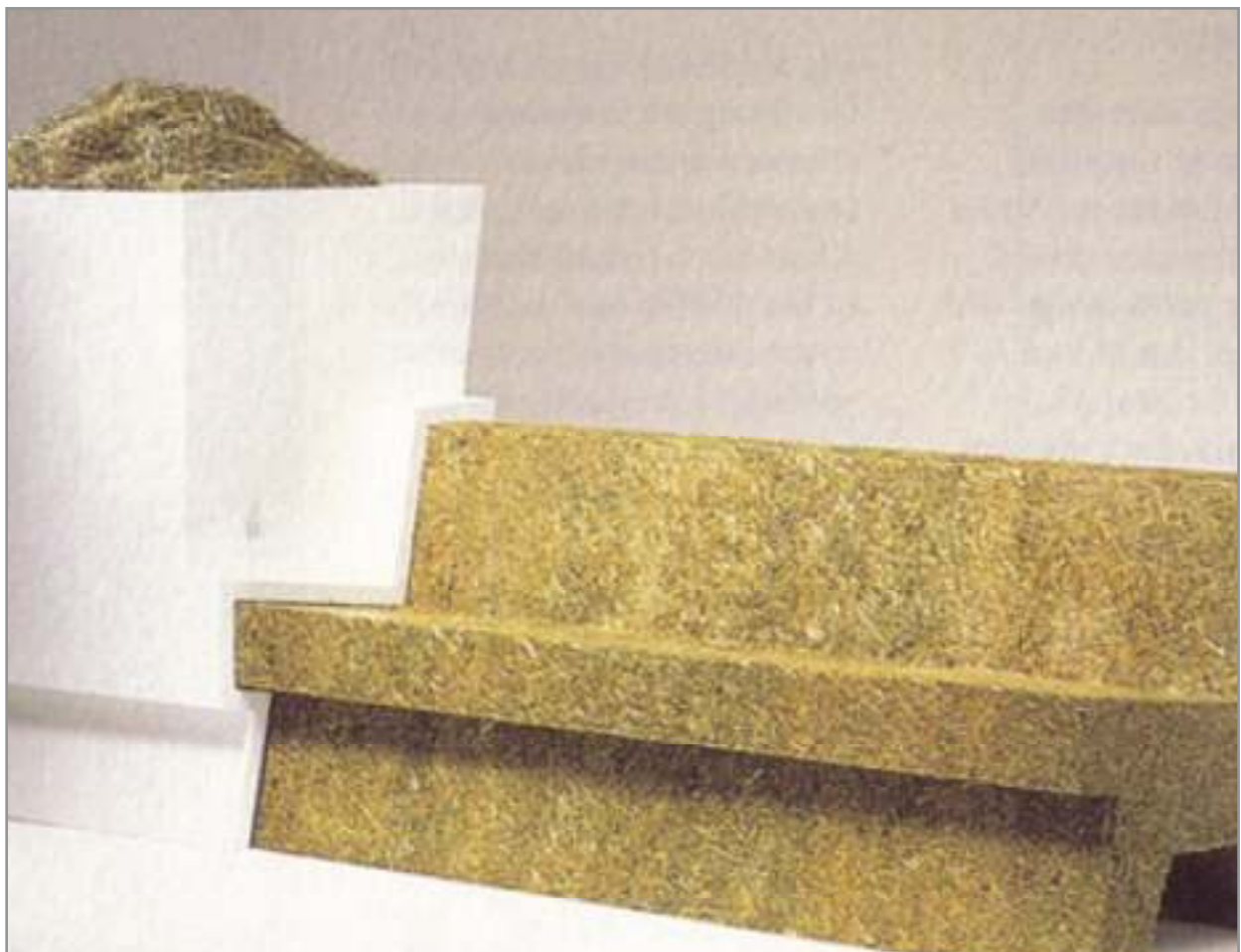


Figura 10: Material orgânico - Banco de Jurgen Bey, Droog Design

projeta também se existe a possibilidade de sua forma ser reutilizada em outro produto; se ele pode ser readequado a uma nova necessidade; leva em conta se o material pode ser reciclado e como pode ser reciclado; se é possível reaproveitar o material em outra cadeia produtiva, ou se, simplesmente, deve ser enterrado para a biodegradação.

Em suma, ignorar o compromisso ambiental do projeto e do produto é desconhecer a importância da própria atividade em relação ao projeto e, conseqüentemente em relação à sociedade.

Nessas circunstâncias, diante da pressão social para reduzir o impacto dos produtos, diversas terminologias foram desenvolvidas para identificar projetos e produtos de baixo impacto ambiental. Uma delas é o *ecodesign* (que vem da associação do antepositivo *eco* – do grego (*oikos*) casa – utilizado na palavra ecologia, e da palavra “*design*”, empregada mundialmente para definir o projeto de produtos ou sistemas de comunicação), porém existem outras expressões, como projeto verde, produto verde, e *design* sustentável, etc.

No entanto, todas apóiam-se no conceito de redução do impacto dos projetos e produtos; de forma mais abrangente, a redução do impacto que possibilita às gerações futuras seguir usufruindo dos recursos de nosso planeta, que pode ser identificado na definição de sustentabilidade, que veremos em seguida.



A REDUÇÃO DO IMPACTO POSSIBILITA ÀS GERAÇÕES FUTURAS SEGUIR USUFRUINDO DOS RECURSOS DO NOSSO PLANETA

1.4 SUSTENTABILIDADE

A medida que a sociedade percebe as necessidades de mudança, e essas mudanças vão acontecendo, novas “palavras de ordem” vão surgindo. Nos dias de hoje, o objetivo social é a sustentabilidade, ou seja, garantir racional controle dos recursos naturais não só para a qualidade de vida da sociedade hoje, mas também para sustentar essa mesma qualidade para as gerações de sempre.

Ou, como descreve Vezzoli e Manzini (1998):

Referindo-se a esse quadro problemático, há alguns anos foi introduzido o conceito de sustentabilidade ambiental² (WCED, 1987). Com esta expressão, referimo-nos às condições sistêmicas segundo as quais, em nível regional e planetário, as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseia tudo o que a resiliência³ do planeta permite e, ao mesmo tempo, não deve empobrecer seu capital natural⁴ que será transmitido às gerações futuras. A essas duas premissas, fundadas em considerações de caráter prevalentemente físico, agregamos uma terceira, de caráter ético: O princípio de equidade, pelo qual se afirma que, no quadro da sustentabilidade, cada pessoa (incluindo as gerações futuras) tem direito ao mesmo espaço ambiental⁵, isto é, à mesma disponibilidade de recursos naturais do globo terrestre (*Friends of the Earth, Wuppertal Institute, 1995*).

O DESENHISTA
INDUSTRIAL DEVE
ANALISAR QUAL A
MELHOR FORMA
DE MINIMIZAR
O IMPACTO QUE
O PRODUTO
CAUSARÁ
AO SISTEMA
AMBIENTAL

² O conceito de *desenvolvimento sustentável* foi introduzido no debate internacional pelo documento da *World Commission for Environment and Development Our Common Future* (Comissão Mundial para o Desenvolvimento Ambiental de Nosso Futuro Comum). Este foi a base da conferência UNCED (*United Nations Conference on Environment and Development*), que se desenvolveu no Rio de Janeiro em 1992. Atualmente, constitui referência fundamental do *Quinto Plano de Ação da União Européia para o Ambiente*.

³ A *resiliência* de um ecossistema é a sua capacidade de sofrer uma ação negativa sem sair de forma irreversível da sua condição de equilíbrio. Esse conceito, aplicado ao planeta inteiro, introduz a idéia de que o sistema natural em que se baseia a atividade humana tenha seus limites de resiliência que, superados, provocam fenômenos irreversíveis de degradação ambiental.

⁴ O *capital natural* é o conjunto de recursos não-renováveis e das capacidades sistêmicas do ambiente de reproduzir os recursos renováveis. Mas o termo também se refere à riqueza genética, isto é, à variedade das espécies viventes do planeta.

⁵ O *espaço ambiental* é a quantidade de energia, água, território e matéria-prima não-renováveis que podem ser usados de maneira sustentável. Indica quanto de ambiente uma pessoa, uma nação ou um continente dispõem para viver, produzir e consumir sem superar os limites da sustentabilidade.

A sustentabilidade ambiental é uma das definições de sustentabilidade, mas não é a única definição possível. O conceito atualmente expandiu-se para diferentes profissões, áreas de atuação ou empreendimentos, adquirindo uma compreensão muito maior do que simples questão ambiental.

Prova disso é que o conceito de sustentabilidade hoje também é visto por meio de uma ação conjunta que leva ao desenvolvimento sustentável, e que envolve: desenvolvimento social, desenvolvimento econômico e desenvolvimento ambiental. Um exemplo disso é a área empresarial, onde empresas sustentáveis devem possuir em um eixo o sucesso econômico, em outro o baixo impacto ambiental e em um terceiro o exercício de sua responsabilidade social, ou seja, uma intrincada cadeia totalmente associada, onde o sucesso de um eixo depende do sucesso de outro em total interdependência.

Sendo assim, se tivermos a proteção ambiental como parâmetro, o designer industrial deve analisar dentro de cada projeto qual a melhor forma de minimizar o impacto que o produto causará ao sistema ambiental e às gerações futuras sem perder de vista a perspectiva do desenvolvimento econômico.

O trabalho vem ao encontro do desenvolvimento sustentável uma vez que reaproveitar resíduos sólidos (têxteis, madeira, etc.) significa preservar o meio ambiente quanto a qualidade de vida e os recursos naturais numa perspectiva das gerações futuras.



Figura 12: AZIMUT - resíduos sólidos em aterro francês.

Aplicando a compreensão mais geral do conceito de sustentabilidade, teremos o designer responsável não apenas pelo baixo impacto ecológico do produto, mas também por sua sustentabilidade econômica que, de certa forma, já é uma responsabilidade presente na maior parte dos projetos. A essas duas acrescentaríamos, a responsabilidade de ação social.

Se o conceito de sustentabilidade baseada nos três eixos - social, econômico e ecológico - é atualmente aplicado nas empresas conscientes, é natural que elas apliquem

esse conceito. Conseqüentemente, serviços e produtos devem permear a mesma estratégia, levando os profissionais que os desenvolvem a pensar sempre nos três eixos.

Desse modo o *designer* é o centro do desenvolvimento de produtos, devendo articular a sustentabilidade dentro dos parâmetros ecológicos, econômicos e sociais. Isso significa, então, pensar produtos que causem baixo impacto ambiental, que possuam aceitação comercial, sendo, por conseguinte, comercializáveis e que promovam a melhoria da questão social de alguma forma.

Neste trabalho, a aplicação do conceito de "*design* sustentável", compreende a utilização da compreensão mais abrangente dessa expressão na qual estão presentes as questões ecológicas, econômicas e sociais, aplicadas respectivamente na utilização de resíduos sólidos, na inserção de produtos no mercado consumidor brasileiro e italiano e na geração de renda junto às ONGs, no nosso caso, daquelas que trabalham com excluídos da região metropolitana da cidade de São Paulo.

(...) PENSAR
PRODUTOS
QUE CAUSEM
BAIXO IMPACTO
AMBIENTAL, QUE
POSSUAM ACEITAÇÃO
COMERCIAL E
QUE PROMOVAM
A MELHORIA DA
QUESTÃO SOCIAL (...)



Figura 13: Brasil Faz Design - resíduos plásticos

1.5 RESÍDUOS SÓLIDOS

No escopo deste trabalho, no que diz respeito à questão ambiental, a condição atual e a realidade regional da cidade de São Paulo exerceu um papel fundamental. Muito embora o conceito de sustentabilidade ambiental esteja lentamente sendo introduzido na atividade do desenhista industrial, na indústria e no consumidor, a realidade hoje ainda está distante de se mostrar efetivamente sustentável.

Nesse cenário, um dos principais problemas encontrados é o dos resíduos sólidos. Os resíduos sólidos provenientes de indústrias ou da produção domiciliar são descartados sem nenhuma preocupação com o volume e a quantidade dos materiais ali presentes. Com o agravante de que o processo de esgotamento dos principais aterros sanitários da cidade de São Paulo e a cobrança de novas taxas para a “exportação” dos resíduos para além do território metropolitano, são índices desse agravamento regional.

Se de um lado vai sendo gradativamente ampliada a coleta seletiva domiciliar para potencializar o uso dos materiais presentes nos resíduos, por outro lado, é preciso ao mesmo tempo exigir que as indústrias cada vez mais destinem seus resíduos da forma adequada, aproveitando ao máximo a energia e materiais ali presentes.

Deste ponto, uma grande dificuldade é a variedade de materiais cores e acabamentos que dificultam, na lógica industrial, a seleção e melhor aproveitamento de cada material descartado. Os processos e metodologias industriais de gestão tentam ao máximo reduzir e agrupar os resíduos para facilitar o descarte, a reciclagem e o uso posterior.

Se utilizarmos outra lógica para analisar o problema dos resíduos, veremos grande possibilidade de emprego de mão-de-obra e conseqüente geração de renda para pessoas excluídas do mercado de trabalho formal. A união de uma dificuldade sócio econômica, com a realidade impactante do volume de resíduo, tem suscitado uma série de ações de grupos não-governamentais cujo intuito é transformar e melhorar em conjunto ambas as realidades.

O resíduo sólido então pode não apenas contribuir para a redução do impacto ambiental, como pode ser decisivo para a inclusão social e geração de renda nas comunidades marginalizadas que habitam regiões carentes da cidade de São Paulo.

**O RESÍDUO
SÓLIDO PODE
SER DECISIVO
PARA A
INCLUSÃO
SOCIAL**

1.6 ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL - ONG

Parte importante deste trabalho é entender a relação que existe entre a sociedade em geral e as Organizações Não-Governamentais (ONGs). Para tanto, vamos apresentar a definição e a importância desse modelo de organização da sociedade civil na cidade de São Paulo.

Como o próprio nome dá a entender, a ONG é todo o tipo de instituição não vinculada à estrutura administrativa e operacional do governo. Essa é uma definição genérica e não compreende seu verdadeiro sentido e utilização.

A Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), em seu *site* (<http://www.abong.org.br>) esclarece:

Do ponto de vista jurídico, o termo ONG não se aplica. Nossa legislação prevê apenas 2 (dois) formatos institucionais para a constituição de uma organização sem fins lucrativos; portanto, toda organização sem fins lucrativos da sociedade civil é uma associação civil ou uma fundação privada. Ou seja, toda ONG é uma organização privada não-lucrativa.

No entanto, nem toda organização privada não-lucrativa é uma ONG. Entre clubes, hospitais privados, sindicatos, movimentos sociais, universidades privadas, cooperativas, entidades ecumênicas e assistencialistas, fundações empresariais, associações civis de benefício mútuo etc. temos objetivos e atuações bastante distintos, às vezes até opostos.

Na esfera internacional, a expressão surgiu após a Segunda Guerra Mundial na Organização das Nações Unidas (ONU), como *Non-Governmental Organizations* (NGO) para designar organizações nacionais ou internacionais que não eram ligadas a nenhum tipo de governo ou estrutura governamental.

As ONGs têm tido um papel fundamental na sociedade nos últimos vinte anos. Sua atuação em prol do interesse comum e o fato de não ter fins lucrativos, tem avançado além dos limites governamentais na busca e na implementação de soluções junto a grupos marginalizados, excluídos ou desabrigados em todo o mundo.

No Brasil, em especial nas metrópoles como São Paulo, é possível identificar e até mensurar essa importância. Em matéria veiculada na revista

Pelo menos 130 ONGs atuam nas regiões mais pobres de São Paulo. Montam cursos profissionalizantes, oficinas para crianças e adolescentes, centros de convivência para idosos e creches onde mães podem deixar os filhos enquanto trabalham. "A melhora no aparelhamento da polícia é notável, mas só a repressão não funciona", diz Jorge Werthein, representante no Brasil da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Pesquisa realizada pela Unesco mostra que os assassinatos em São Paulo caíram 19% entre 1999 e 2003. A diferença em relação aos dados do Seade pode ser explicada porque o estudo da ONU não leva em conta os números de 2004. Pelos dados da fundação estadual, entre 2003 e 2004 a queda nos assassinatos foi de 21%.

"Sem uma parceria efetiva com a comunidade, o governo pode fazer muito pouco", reconhece o secretário de Segurança Pública do Estado, Saulo de Castro Abreu Filho. Segundo ele, foram investidos cerca de 80 milhões de reais em equipamentos nos últimos três anos. Isso significou um acréscimo de 8 300 viaturas para as polícias Civil e Militar, além da contratação de mais 18 000 policiais. Houve também a formação de um imenso banco de dados com os índices de criminalidade de cada bairro, e o atendimento foi informatizado. Nos últimos dois anos, o número de prisões cresceu 5%. Um acordo com a ONG Instituto São Paulo contra a Violência possibilitou a criação, em 2000, do Disque-Denúncia, um serviço gratuito pelo telefone 181 para receber denúncias anônimas. Neste ano, foram mais de 41 000 ligações. "Por causa das informações prestadas pela população, conseguimos dobrar o número de operações em locais perigosos", diz o secretário. Até hoje, o Disque-Denúncia calcula ter sido responsável pela solução de 14 000 casos. Há ainda a campanha de desarmamento, que tirou de circulação, desde julho do ano passado, 87 000 armas em todo o estado (estima-se que haja 1,5 milhão de armas apenas na cidade). "Nesse caso, é muito cedo para sabermos se essas campanhas irão surtir algum efeito", afirma o pesquisador Fernando Sal-

Assassinatos bairro a bairro (mortes por 100 000 habitantes)

Distrito	2000	2004
1-Água Rasa	24,42	13,31
2-Alto de Pinheiros	17,97	4,70
3-Anhanguera	31,55	30,34
4-Aricanduva	50,61	24,37
5-Artur Alvim	45,82	27,46
6-Barra Funda	23,09	24,78
7-Bela Vista	26,87	18,22
8-Belem	45,33	27,16
9-Bom Retiro	37,48	45,51
10-Brás	79,27	91,36
11-Brasilândia	82,62	60,09
12-Butantã	20,87	23,65
13-Cachoeirinha	80,02	49,67
14-Cambuci	27,79	34,00
15-Campo Belo	20,97	26,91
16-Campo Grande	53,67	22,51
17-Campo Limpo	65,36	45,04
18-Cangaíba	33,52	28,64
19-Capão Redondo	83,63	55,96
20-Carrão	38,33	23,98
21-Casa Verde	25,07	18,85
22-Cidade Ademar	101,11	59,67
23-Cidade Dutra	85,77	52,95
24-Cidade Líder	60,00	39,39
25-Cidade Tiradentes	107,12	30,49
26-Consolação	10,98	1,96
27-Cursino	44,04	21,23
28-Ermelino Matarazzo	57,14	37,55
29-Freguesia do Ó	33,10	26,60
30-Grajaú	96,73	70,54
31-Guaianazes	81,31	61,14
32-Iguatemi	88,84	46,88
33-Ipiranga	35,39	19,36
34-Itaim Bibi	12,24	8,04
35-Itaim Paulista	66,43	36,98
36-Itaquera	67,56	39,50
37-Jabaquara	63,51	37,37
38-Jacaré	49,03	44,38
39-Jaguara	19,42	24,56
40-Jaguare	49,41	23,83
41-Jaraguá	46,79	44,46
42-Jardim Ângela	118,31	64,50
43-Jardim Helena	72,70	45,07
44-Jardim Paulista	4,77	3,84
45-Jardim São Luis	95,87	57,73
46-José Bonifácio	64,44	23,36
47-Lajeado	76,92	32,00
48-Lapa	18,25	3,51
49-Liberdade	27,42	31,15
50-Limão	49,92	27,83
51-Mandaqui	27,15	19,41
52-Marsilac	143,20	43,64
53-Moema	12,62	4,35
54-Mooca	38,94	24,82
55-Morumbi	37,53	33,46
56-Parelheiros	103,64	65,89
57-Pari	13,44	52,77
58-Parque do Carmo	65,64	52,75
59-Pedreira	74,81	55,97

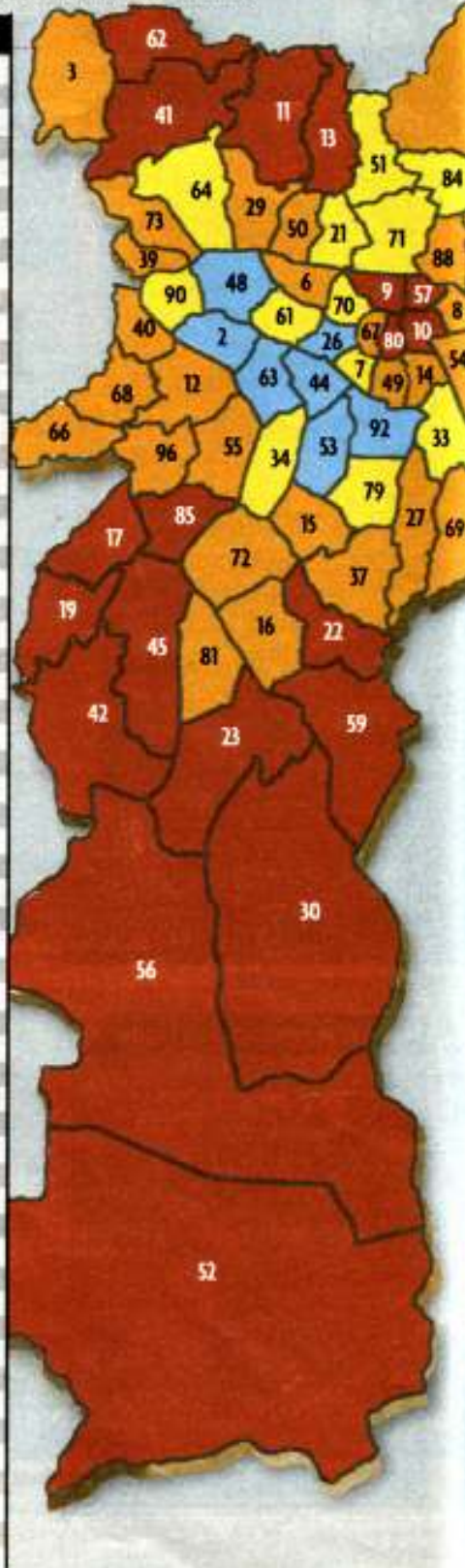




Figura 14a: Mapa e tabela; Revista Veja São Paulo

Veja São Paulo por exemplo, de 6 de junho de 2005, com o título “Por que se mata menos em São Paulo”, encontramos:

... cresceu na periferia da metrópole a atuação de organizações não-governamentais que oferecem alternativas econômicas e de lazer à população de baixa renda.

Pelo menos 130 ONGs atuam nas regiões mais pobres de São Paulo. Montam cursos profissionalizantes, oficinas para crianças e adolescentes, centros de convivência para idosos e creches onde mães podem deixar os filhos enquanto trabalham.

Dessa forma, é possível identificar uma melhoria de indicadores sociais como, por exemplo, a redução da violência devido à ação de ONGs nas regiões pobres da cidade de São Paulo. Não sem razão, pois, para que possamos aumentar a sua ação efetiva e melhorar ainda mais as condições de vida nas regiões carentes, é necessário um envolvimento de toda a sociedade. Trata-se de um envolvimento que passa por todas as atividades profissionais que, direta ou indiretamente, possam ter um compromisso com o cenário da exclusão social.



Figura 15: Favela - banco de imagem

1.7 PROJETO *DESIGN SOLIDÁRIO: DESIGN ACADEMY EINDHOVEN*

Sobre a experiência da *Design Academy Eindhoven*, foram encontrados, com a Associação Comunitária Monte Azul, um DVD do projeto e um livro escrito em inglês por Paul Meurs registrando o projeto e que encontra-se copilado nos anexos deste trabalho, o projeto pode ser visto também registrado no *site* www.acasa.org.br (acessado em 25 de julho de 2006, 19:00 hrs.), durante a pesquisa e a realização deste trabalho muitas vezes os artesões ou responsáveis da Associação comunitária Monte Azul citaram como comparação o trabalho desenvolvido pela *Design Academy Eindhoven*.

Durante a realização desta pesquisa, em abril de 2006 foi possível um breve colóquio na *Mostra Design Academy Eindhoven* no Salão do Móvel de Milão na Itália, com Ursula Tishner, coordenadora do *Master Man and Humanity da Design Academy Eindhoven*, onde Ursula contou que a experiência pioneira no Brasil com a Associação Comunitária Monte Azul, e a Comunidade e Serrita, culminaram por gerar o *Master Man and Humanity*, que hoje já realizou ações semelhantes na América Latina, como é o caso do Peru, e em Países da África.

Ursula Tishner comentou também que um desafio do *Master Man and Humanity da Design Academy Eindhoven* era promover a comercialização dos produtos ou a associação com empresas parceiras, resultado que garantiria a seqüência e aplicação natural do trabalho desenvolvido, porém até aquele instante tudo o que era realizado, não passava de exercícios para construção de um conhecimento de ação social do design, segundo ela.

Alguns dos produtos desenvolvidos pela *Design Academy Eindhoven* podem ser vistos também na loja da Associação Comunitária Monte Azul, na própria favela Monte Azul, porém não podem ser comprados, são apenas peças de exposição que mostram o trabalho outrora desenvolvido.

1.8 HIPÓTESES

A apresentação deste trabalho tem como ponto de partida as seguintes hipóteses:

- O desenvolvimento de produtos implementado entre os estudantes do curso Desenho Industrial, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e os estudantes de graduação em *Disegno Industriale da Università degli Studi di Firenze*, criados com resíduos industriais e domiciliares em cooperação com comunidades da cidade de São Paulo, pode contribuir na formação desses mesmos estudantes, oferecendo oportunidades de aplicação dos conhecimentos adquiridos nas Universidades.
- O envolvimento de *designers* e de estudantes de *design* do Curso de Desenho Industrial, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, junto a estudantes do curso de graduação em *Disegno Industriale da Università degli Studi di Firenze*, junto aos trabalhos das ONGs como foram acima definidas, oferece diferencial estético e competitivo de modo a auxiliar essas entidades na comercialização de seus produtos no mercado.



Figura 16: Foto Cristiano Mascaro - Nova Odessa

1.9 OBJETIVO

1.9.1 OBJETIVO GERAL

A pesquisa teve como objetivo geral conhecer, registrar e analisar como se processou o projeto de cooperação internacional entre os cursos de Desenho Industrial, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie – Brasil, e a láurea em *Disegno Industriale, da Università degli Studi di Firenze* – Itália, chamado *Design Possível no Brasil e Design Possibile* na Itália. O projeto *Design Possível* envolveu estudantes e professores das duas universidades, e ONGs que trabalham com resíduos sólidos industriais e urbanos na região metropolitana da cidade de São Paulo. Buscou ainda estimular o relacionamento entre os estudantes participantes do projeto de ambos os países para promover a inclusão dos produtos desenvolvidos nas ONGs com o mercado consumidor brasileiro e italiano.

1.9.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

**PROMOVER A
INCLUSÃO DOS
PRODUTOS
DESENVOLVIDOS
NA ONGs COM
O MERCADO
CONSUMIDOR
BRASILEIRO E
ITALIANO**

- Conhecer como se processou a relação criativa do grupo de alunos dos cursos de Desenho Industrial, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da láurea em *Disegno Industriale, da Università degli Studi di Firenze* frente aos resíduos sólidos industriais e urbanos utilizados pelas ONGs.

- Estudar como ocorreram a comunicação, a cooperação e a vivência durante o desenvolvimento e a evolução dos projetos e dos produtos feitos pelas duplas de alunos dos referidos cursos de ambas as Universidades.